

CARTOGRAFIA LINGÜÍSTICA PARAENSE: ANÁLISE SEMÂNTICO- LEXICAL DA FALA DOS MORADORES DO DISTRITO ADMINISTRATIVO DE ICOARACI

LINGUISTIC CARTOGRAPHY OF PARÁ: SEMANTIC-LEXICAL ANALYSIS OF THE SPEAKING OF THE DWELLERS OF THE ADMINISTRATIVE DISTRICT OF ICOARACI

Arnol Walber da Silva Rosa¹ (UEPA/ESAMAZ)

Marília Seabra Pantoja² (UEPA/ESAMAZ)

Élen M. M. Lisbôa³ (PUC/ESAMAZ)

RESUMO: Objetiva-se, neste artigo, apresentar uma análise semântico-lexical, de natureza tanto diatópica quanto diastrática, encontradas na fala dos moradores do Distrito Administrativo de Icoaraci (DAICO), localizada na Região Metropolitana de Belém do Pará. Para a realização da pesquisa, partiu-se da hipótese de que o acervo semântico-lexical da população-amostra era diferente do proposto pelo Questionário Semântico-Lexical, do Comitê elaborador do Atlas Linguístico do Brasil (QSL: ALiB, 2001) e, posteriormente, selecionou-se 1 (um) dos 15 (quinze) campos semânticos para ser aplicado em 06 (seis) sujeitos com baixo nível de escolaridade, os quais foram estratificados em gênero e faixa etária. Nessa perspectiva, tal pesquisa denominou-se bibliográfica e descritivista com abordagem quantitativa e qualitativa, e dirigiu-se sob os pressupostos da Geolinguística, tendo em vista o método cartográfico utilizado em estudos dialetológicos, aliado à Sociolinguística e à Semântico-Lexical. Para a análise dos dados de campo, registraram-se os dados em tabelas e cartas lexicais, a fim de mostrar as lexias do DAICO, no entanto, cabe ressaltar que o foco da pesquisa eram as variantes com frequência igual ou superior a 75% e não coincidente com a proposta pelo QSL.

PALAVRAS-CHAVE: Dialetoлогия. Sociolinguística. Léxico. Distrito Administrativo de Icoaraci.

ABSTRACT: *The aim of this paper is to present a semantic-lexical analysis, both diatopic and diastrática, found in the speech of residents of the Administrative District of Icoaraci (DAICO), located in the Metropolitan Region of Belém of Pará. It was assumed that the semantic-lexical collection of the sample population was different from that proposed by the Semantic-Lexical Questionnaire of the Committee for the Linguistic Atlas of Brazil (QS: ALiB, 2001) and later 1 (one) of the 15 (fifteen) semantic fields to be applied in six (6) subjects with low level of schooling, who were stratified in gender and age group. In this perspective, this research was called bibliographical and descriptive with a quantitative and qualitative approach, and was directed under the assumptions of Geolinguistics, considering the cartographic method used in dialectal studies, allied to Sociolinguistic and Semantic-Lexical. For the analysis of the field data, the data were recorded in tables and lexical letters, in order to show DAICO lexias, however, it should be emphasized that the focus of the research were variants with frequency greater than or equal to 75% and not coinciding with the proposal by the QSL.*

KEYWORDS: *Dialectology. Sociolinguistics. Lexicon. Administrative District of Icoaraci.*

¹ Licenciado em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pela Escola Superior da Amazônia. E mail: arnolwalber@gmail.com

² Licenciada em Letras – Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará. Especialista em Língua Portuguesa e Literaturas pela Escola Superior da Amazônia. E mail: mariliapantoja@gmail.com

³ Mestra em Letras pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Professora Orientadora do Curso de Pós-Graduação em Formação de Professores para o Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas da Escola Superior da Amazônia.

Introdução

Objetiva-se apresentar, no presente artigo, uma análise semântico-lexical de ocorrências, tanto de natureza diatópica (regional) quanto de natureza diastrática (social), encontradas na fala dos moradores do Distrito Administrativo de Icoaraci (DAICO), localizada na mesorregião Metropolitana de Belém, em comparação ao proposto pelo Questionário Semântico-lexical (QSL) do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001).

A presente pesquisa surge a partir do interesse pela Geolinguística, a qual permite o diálogo com a Sociolinguística e com a Dialetoлогия, estas que foram utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, considerando as questões sociohistóricas para a constituição da língua.

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizou-se do estudo de cunho descritivo com abordagem quantitativo-qualitativa, além da teórico-metodológica nos estudos geolinguísticos. Essa abordagem tanto teórica quanto metodológica foi fundamental para a coleta das ocorrências e, conseqüentemente, análise de dados. Cabe ressaltar ainda que surgiu, ao longo da pesquisa, o pressuposto de que o acervo semântico-lexical falado por moradores do Distrito de Icoaraci é diferente do acervo do questionário apresentado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Destarte, a fim de compreender características históricas, geográficas, culturais e econômicas, do ponto linguístico, pautou-se no aporte de fontes documentais, artigos e outros trabalhos científicos disponibilizados por pesquisadores do referido lócus, estes contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para a organização deste artigo, optou-se por dividi-lo em tópicos: o primeiro remete aos métodos utilizados na pesquisa; em seguida, a fundamentação teórica em que nos baseamos para a análise dos dados, fundamentado em ALiB (2001), Gomes (2007), Alves (2013), Sá (2013) e Costa (2015); o terceiro refere-se aos resultados e discussão, e, por fim, no quarto tópico, a conclusão da pesquisa.

Método

Conforme já fora dito, esta pesquisa utilizou-se do estudo de cunho descritivo com abordagem quantitativo-qualitativa, além da teórico-metodológica nos estudos geolinguísticos. As pesquisas descritivas, segundo Gil (2002 p. 42), têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. Para a descrição desses fenômenos, os dados do presente artigo são oriundos da aplicação de um Questionário Semântico Lexical (QSL) elaborado com base no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001)⁴ o qual possui 207 perguntas, divididas em 15 campos semânticos, sendo que cada campo semântico tem um número específico de perguntas voltadas para diversas áreas. Este, possui o objetivo de descrever a realidade linguística do português do Brasil, a fim de identificar fenômenos linguísticos, em especial de ordem morfossintática. Nessa perspectiva, verifica-se que o método utilizado é um grande avanço em relação aos diversos questionários, visto que “[...] o ALiB dá um passo à frente, associando à orientação dialetológica tradicional os postulados da Sociolinguística rumo a um Atlas pluridimensional”. (KAMI; AGUILERA, s/d, p.3).

Na aplicação do questionário, instrumento utilizado para esta pesquisa, aplicado no Distrito Administrativo de Icoaraci, adotou-se apenas um campo semântico: VIII - Convívio e comportamento social, constituído de seis (06) perguntas.







Para tal trabalho, foi selecionado um total de oito (08) pessoas residentes no DAICO, que fica distante cerca de 20 km da capital e possui cerca de 300 000 mil habitantes. O Distrito engloba os bairros: Cruzeiro, Ponta Grossa, Maracacuera, Campina de Icoaraci, Águas Negras, Agulha, Paracuri, Parque Guajará e Tenoné. Cabe ressaltar que os pontos linguísticos selecionados foram os bairros Paracuri e Ponta Grossa.

A origem do termo “Icoaraci”, lócus dessa pesquisa, é do tupi, que significa “sol do rio”. O Distrito é conhecido pelas ruas e travessas, as quais seguem uma linearidade de acordo com a fundação, desde a 1º até atualmente na 7º. Como ponto turístico é imprescindível ressaltar a Orla de Icoaraci, a qual é a principal atração do distrito, por conta do contato com a natureza.

⁴O Projeto ALiB foi lançado na Universidade Federal da Bahia em novembro de 1996.

Os indivíduos foram selecionados para este trabalho considerando critérios referentes à idade e ao gênero. Tal amostragem refere-se aos fatores extralinguísticos fundamentais à pesquisa sociolinguística, a qual atrelada aos pressupostos geolinguísticos da dialetologia, condicionaram mais precisamente a escolha dos sujeitos. Dos oito (08) moradores sujeitos da pesquisa, apenas seis (06) moradores responderam ao questionário. Os sujeitos têm entre 25 e 52 anos e a maior parte deles tem o nível de escolaridade ensino fundamental e são do sexo feminino.

Tabela 1 – População-amostra

	 FA	 FB	 FC	 FD	 MA	 MB
GÊNERO	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Masculino	Masculino
FAIXA ETÁRIA	25 anos	52 anos	50 anos	28 anos	24 anos	26 anos
ESCOLARIDADE	Fundamental	Fundamental	Fundamental	Fundamental	Fundamental	Fundamental

Fonte: Rosa & Pantoja (2017)

Após a aplicação do questionário à população-amostra, os dados passaram por uma análise de maneira qualitativa e quantitativa, uma vez que, de acordo com Flick (2009, p.39), “[...] a pesquisa qualitativa pode apoiar a pesquisa quantitativa e vice-versa”, isto é, a presente pesquisa dialoga com dois vieses. Segundo Flick (2009, p. 39): “os aspectos estruturais são analisados com métodos quantitativos, e os aspectos processuais analisados com o uso de abordagens qualitativas”, ou seja, há uma definição dos campos de atuação dos tipos de pesquisa, dependendo do objeto de pesquisa.

Além disso, realizou-se a porcentagem das variações e a identificação dos lexemas, aliado à transcrição das gravações para, posteriormente, efetivar os dados por meio de tabelas distribuídas por campo semântico, as quais foram representadas em carta lexical.

Fundamentação teórica

A Língua Portuguesa falada no Brasil, como parâmetro social, constitui-se nos quatro cantos do país com variantes nos diversos níveis e esferas sociais que a configuram. Diante disso, é notória a importância de discussões a respeito das variações ocorrentes na Língua Portuguesa, a mesma é um instrumento de grande poderio na sociedade atual, à medida que participa ativamente do processo de comunicação que é estabelecido entre os sujeitos sociais. Variação linguística consiste nas diferentes maneiras que a língua oral ou escrita pode ser utilizada por um falante que a tenha como instrumento de comunicação. Tal variação pode ser percebida e analisada de diferentes perspectivas, pois os fatores que contribuem para que uma língua varie no espaço social advém, em especial, da variação regional (variante diatópica) e da ordem social (variação social). É necessário ter em vista que cada falante utiliza a língua de acordo com o meio social em que vive, e pode adequar-se a outros meios dependendo do nível de conhecimento que possui.

Segundo Mussalin & Bentes (2006), a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas. Pode-se notar, diante disso, o quanto as pessoas de diferentes regiões utilizam a língua de divergentes maneiras, até mesmo quanto à utilização das palavras. Então, as variações ficam bem claras quando se pode observar um falante do Nordeste e um falante do Norte, por exemplo. Há palavras que ganham diferentes significados em regiões distintas, como é o caso da palavra *Chopp*, a qual na Região Nordeste indica “cerveja”. Tudo isto, porque, em cada região do Brasil, os falantes da língua utilizam-na de formas diferentes, as quais são regidas por suas próprias normas e regras que comumente são obedecidas. Cada região obedece a sua cultura local, o seu próprio sotaque e, apesar de todos pertencerem a um mesmo país, é notório que cada lugar possui seu modo próprio de utilização da Língua Portuguesa falada no país.

Por outro lado, existe também a variação diastrática, trata-se da variação construída pelos fatores sociais vigentes no país desde o princípio da formação do povo brasileiro. Para Mussalin & Bentes (2006), a variação social ou diastrática, por sua vez, relaciona-se a um

conjunto de fatores e que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala. Por isso, podem-se considerar diversas condições que colaboram para este tipo de variação, as quais são de extrema importância para o estudo da língua em sociedade, como: a classe social, o sexo, a idade, bem como o contexto social em que o falante se encontra ou que as palavras são utilizadas. É válido ressaltar; que, em tal variação, há as ocorrências múltiplas linguagens criadas por cada grupo de falantes, as quais são fonte de identificação e diferenciação de um grupo para outro. Além disso, pertencem a grupos específicos de pessoas, como: os professores, os médicos, os policiais, dentre os diversos grupos que vivem em sociedade.

Portanto, todos os falantes da língua materna precisam ter em mente que são múltiplos e divergentes os fatores que colaboram para que uma língua, dentro de um contexto e meio social, possua suas variações, as quais devem ser respeitadas e entendidas como um fator natural de qualquer língua seja na sua modalidade oral ou escrita. Segundo Bagno (2007), língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outras, uma constituindo a outra. Dessa forma, independentemente do lugar ou condição em que são nascidas e criadas, todas as variações, devem ser consideradas como patrimônio da língua, o qual precisa estar livre de qualquer estigma social ou cultural.

Ademais, verifica-se que muitos estudos têm sido feitos a respeito da ciência da linguagem desde a formação do povo brasileiro até os dias atuais. Tais estudos apontam para o processo de transformações que não param de acontecer. Nesse viés, a língua apresenta uma grande variedade de construções linguísticas que nos permitem refletir sobre os estudos realizados pela Sociolinguística, área da Linguística que se preocupa em investigar a língua em sociedade, bem como; a Dialetoлогия que se preocupa com a descrição, identificação e situação dos falares, tendo como ponto de partida a variedade regional dos falantes, a diatopia.

A língua, seja na sua modalidade falada ou escrita, reflete em boa medida a organização da sociedade. Para Saussure (2000, p.17), a língua difere da linguagem, por ser esta última, heterogênea e aquela, homogênea, e também a distingue da fala. Contrapondo-se a este pensamento, a Sociolinguística preocupa-se em estudar a relação existente entre a língua e a

sociedade, mostrando que a língua, de forma alguma, pode ser homogênea, porque são muitas as variedades que apresenta no seio da sociedade tais como: fonéticas, morfológicas, sintáticas e no seu modo de utilização. Segundo Bagno (2014, p. 27-28), dizer que a língua é homogênea corresponde a algo ilusório, ao mesmo tempo em que exclui todo um povo que fala a língua portuguesa, porém não utiliza o português-padrão, tão pouco pertence aos locais onde há prestígio social elevado. São comunidades que estão afastadas dos grandes centros urbanos do país e são, muitas vezes, esquecidas.

Dialetologia, disciplina que mais se aproxima da Sociolinguística, devido fazer a descrição dos dialetos, e surge com um novo olhar ao objeto de estudo – língua. Para Cardoso (2002), a dialetologia mostra-se no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Nesse contexto, a Dialetologia é o ramo da Linguística preocupado com as disparidades dialetais ou regionais de uma língua, isto é, as diferenças dialetais marcadas geograficamente competem ao ramo da Dialetologia.

Verifica-se que a Dialetologia e a Sociolinguística assemelham-se, considerando os avanços da Linguística na contemporaneidade (ALENCAR, 2011). Dessa forma, há dificuldade em distingui-las devido às proximidades existente; para Alencar (2011), existe a separação das disciplinas afins; somente no que tange aos objetivos de cada uma e não metodologicamente.

Outrossim, o método Geolinguístico é imprescindível para os estudos dos dialetos. Desse modo, parte-se do conceito de Geografia Linguística, ou também denominada de Geolinguística, segundo Dubois et al (1978, p. 307): “é o estudo das variações linguísticas na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes. A palavra Geolinguística é assim a forma abreviada de Geografia Linguística”. Além disso, há autores, como Iordan (1962, p. 273), que a classificam como uma forma de cartografar o material linguístico coletado *in loco*, com o objetivo de representar os fenômenos encontrados. Nesse viés, a Geolinguística é um método recente utilizado para o estudo da linguagem humana e não pode ser confundido com ciência, pois é uma técnica considerada nova.

Observa-se, portanto, que hodiernamente os cientistas da linguagem buscam mecanismos para o resgate da identidade cultural de determinada comunidade de fala.

Resultados e discussões

Nesta seção, apresentam-se os resultados alcançados pela pesquisa, além da discussão. A análise dos dados deu-se de maneira qualitativa e quantitativa do Questionário Semântico Lexical (QSL), elaborado com base no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001) e, aplicado aos moradores do Distrito Administrativo de Icoaraci; o objetivo da coleta de dados consiste em apresentar uma análise semântico-lexical de ocorrências, tanto de natureza diatópica (regional) quanto diastrática (social), encontradas na fala dos moradores do DAICO, localizada na mesorregião Metropolitana de Belém.

O total de seis (06) perguntas no QSL compõe o campo semântico – Convívio e comportamento social – no entanto, uma das perguntas não foi respondida. Considerando a população-amostra composta por seis (06) sujeitos, dois (02) são do bairro “Ponta Grossa” e quatro (04) são do bairro “Paracuri”.

A partir dos resultados obtidos do QSL, possibilitou-se a verificação das ocorrências, tanto de natureza diatópica (regional) quanto diastrática (social), encontradas na fala dos moradores do DAICO, localizado na mesorregião Metropolitana de Belém, em comparação ao proposto pelo QSL do Atlas Linguístico do Brasil.

Além disso, possibilitou a identificação dos lexemas e da constatação da porcentagem das variações, aliado à transcrição das gravações para, posteriormente, efetivar os dados por meio de tabelas distribuídas por campo semântico, as quais foram representadas em carta lexical⁵.

Mormente, as ocorrências encontradas mediante o QSL (ALiB, 2001) estão exemplificados na Tabela 2:

⁵ As cartas lexicais são elaboradas a fim de registrar traços fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais, delimitados por uma linha virtual chamada isoglossa, específicos de uma determinada região. Desse modo, o conjunto dessas cartas constitui um “Atlas Linguístico”, que é um conjunto de mapas.

Tabela 2 – Campo Semântico VIII – Convívio e comportamento social: ocorrências

Questão (QSL)	Lexia QSL (ALiB, 2001)	Nº de ocorrências	Ocorrências de maior frequência			Ponto linguístico	
			LEXIAS	Nº	%	1	2
124	Pessoa tagarela	3	Tagarela	4	66,6	X	X
			Linguarudo	1	16,6	X	
			Papagaio	1	16,6	X	
125	Pessoa pouco inteligente	5	Lento	1	16,6		X
			Deficiente de aprendizagem	1	16,6		X
			Raciocínio lento	1	16,6	X	
			Dislético	1	16,6	X	
			Desinteressado	1	16,6	X	
126	Pessoa sovina	4	Mão de vaca	3	50,0	X	X
			Avarento	1	16,6		X
			Pão duro	1	16,6	X	
			Sovino	1	16,6	X	
127	Mau pagador	2	Caloteiro	5	83,0	X	X
			Exagerado	1	16,6	X	
128	Assassino pago	6	Matador	1	16,6		X
			Pistoleru	1	16,6		X
			Capataz	1	16,6	X	
			Mercenário	1	16,6	X	
			Matador de aluguel	1	16,6	X	
			Assassino de aluguel	1	16,6	X	
129	Posseiro	3	Posseiro	1	33,3	X	
			Capataz	1	33,3	X	
			Camponês	1	33,3	X	

Fonte: Rosa & Pantoja (2017)

Observa-se, portanto, que a Tabela 2 exemplifica as lexias encontradas na fala da população-amostra do *locus* – DAICO – o qual está dividido em dois pontos linguísticos, sendo Paracuri(1) e Ponta Grossa (2).

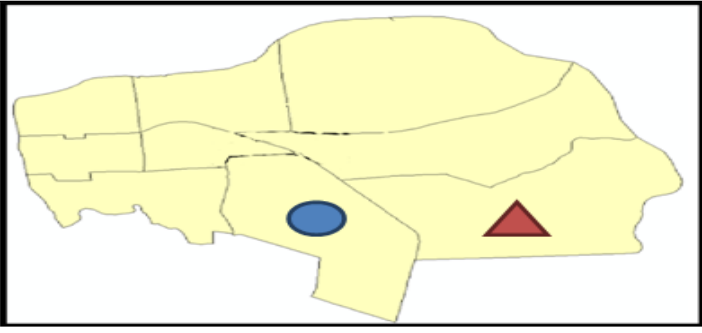
Cabe ressaltar que a relevância de se estabelecer um percentual de frequência das variedades linguísticas não reside apenas no fator quantitativo, visto que esse tipo de pesquisa demonstra a estrutura e, conseqüentemente, o funcionamento da língua no *locus*.

Nessa perspectiva, os dados apresentados na Tabela 2 indicam:

- Total de 32 (trinta e duas) ocorrências na fala dos moradores do DAICO.
- 06 (seis) ocorrências coincidiram com a proposta pelo ALiB.
- 26 (vinte e seis) ocorrências não coincidiram com a proposta pelo ALiB, das quais 05 (cinco) ocorrências alcançaram a frequência superior a 75%.
- 27 (vinte e sete) ocorrências não alcançaram a frequência igual ou superior a 75%.

Nota-se também que as lexias de maior frequência são *tagarela*, *mão de vaca* e *caloteiro*. A fim de deixar isso evidente, faz-se relevante a carta lexical a seguir:

Carta Lexical 1 – Lexia com maior frequência – Campo Semântico VII

CARTA LEXICAL – Lexia com maior frequência – Campo Semântico VIII – Cultura e Convívio Social Ponto linguístico: Paracuri e Ponta Grossa	ALiB: <i>Pessoa tagarela – Pessoa pouco inteligente – Pessoa sovina – Mau pagador – Assassino pago – Posseiro</i>
	OCORRÊNCIAS: ● Paracuri: <i>Tagarela – Mão de vaca – Caloteiro</i> ▲ Ponta Grossa: <i>Tagarela – Mão de vaca – Caloteiro</i>

Fonte: Rosa & Pantoja (2017)

Mediante a exposição da Tabela 2, infere-se que apenas *caloteiro*, resposta da questão 127, não coincide com o proposto pelo ALiB e encaixa-se na regra de frequência, visto que apresentou 83%, além de estar presente nos pontos linguísticos selecionados. Tal fato comprova a presença de uma variante não-padrão utilizada na fala dos moradores do DAICO. De modo geral, descrever-se-á a variedade linguística citada a partir de dois parâmetros básicos, são eles: a diatópica e a diastrática.

Análise de aspectos diatópicos e diastráticos

Para a realização da análise e descrição, utilizam-se como base teórica, principalmente, Gomes (2007), Alves (2013), Sá (2013) e Costa (2015), os quais desenvolveram estudos na mesma linha de pesquisa. De modo semelhante, utilizam-se literaturas sobre variação linguística, como Tarallo (1985), Bagno (2014) e Alckmin (2001), tendo em vista a cartografia linguística no Distrito Administrativo de Icoaraci (DAICO).

Mormente, ressalta-se que basta a existência de uma variedade em comum para que haja um objeto de estudo em uma determinada comunidade. Sendo assim, *caloteiro* é a lexia em uso na fala dos moradores do DAICO e é o foco da presente análise, tendo em vista que a referida lexia obedece aos critérios pré-estabelecidos, em especial, a frequência ser igual ou superior a 75%. Sendo assim, a pesquisa dialoga diretamente com Tarallo (1985), visto que, a fim de compreender a história de qualquer língua, ocupa-se com os fatores internos⁶ e externos⁷ da língua.

Nesse viés, o DAICO não se caracteriza pelo fato de possuir pessoas que falam do mesmo modo, já que, segundo Alckmin (2001), uma comunidade é qualificada pela relação existente entre os indivíduos, mediante as redes comunicativas que influenciam diretamente o comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras. Por esse motivo *caloteiro* possui frequência de 83% na fala dos moradores do DAICO. Tal fato dialoga diretamente com as concepções de Câmara Jr (1970), pois não há como analisar isoladamente a lexia, em uma perspectiva da variação semântica, como ocorre, geralmente, na Gramática Tradicional (GT), já que *caloteiro* possui não só forma, mas também sentido.

O DAICO possui a característica de ser uma comunidade onde não há uma estabilidade populacional, ou seja, o número de residentes em Icoaraci aumenta proporcionalmente. Nessa leitura, infere-se que a língua acompanha diretamente o aumento habitacional, ocorrendo uma reversão social ao acelerar o ritmo e aumentar as variações e transformações sociais. Por isso, há a cartografia de *coloteiro* como variação no DAICO.

⁶ Compreende aos aspectos político, social e cultural da comunidade em estudo.

⁷ Compreende as variações fonéticas, morfológicas, sintáticas e semânticas da comunidade em estudo.

De maneira análoga, Sá (2013), no Distrito Administrativo de Mosqueiro (DAMOS), registrou *caloteru* com frequência de 50%, em uma comunidade também marcada pela instabilidade populacional, o que influencia diretamente no surgimento de variações ou até mesmo na mudança de dialetos. Em contrapartida, na Microrregião de Marabá, há uma singularidade, de acordo com Gomes (2007), o ponto linguístico é formado por pessoas de várias regiões devido ao fluxo migratório, o que justifica o uso ou não de determinada lexia.

No Distrito de Marapanim também se cartografou *caloteiro* por Alves (2013), no entanto, sem frequência igual ou superior a 75%. Tal fato pode ser justificado:

O estado político e social da comunidade é um elemento de atuação na relativa fixidez ou na mobilidade, neste caso, do material semântico das línguas. Os estudos linguísticos revelam que, nas épocas de calma e estabilidade, as línguas se mantêm como que estacionárias, ao passo que, nos momentos de instabilidade e agitação, de abalos profundos e principalmente de reversão social, acelera-se o ritmo e aumenta o vulto das variações e transformações sociais. (GOMES, 2007, p.58-59)

Inferese, desse modo, que o percentual de igual ou superior a 75%, que diz respeito à frequência não só da lexia *caloteiro*, mas como um critério adotado na pesquisa, permite a indicação de que há um número considerável de lexias com baixa frequência – inferior a 75% – o que revela – talvez – a predominância de um fluxo de pessoas em busca de bens e serviços, lazer ou até mesmo como ponto de partida ou de chegada para outras comunidades, tudo influencia diretamente na diversidade dos falares dos próprios sujeitos do DAICO.

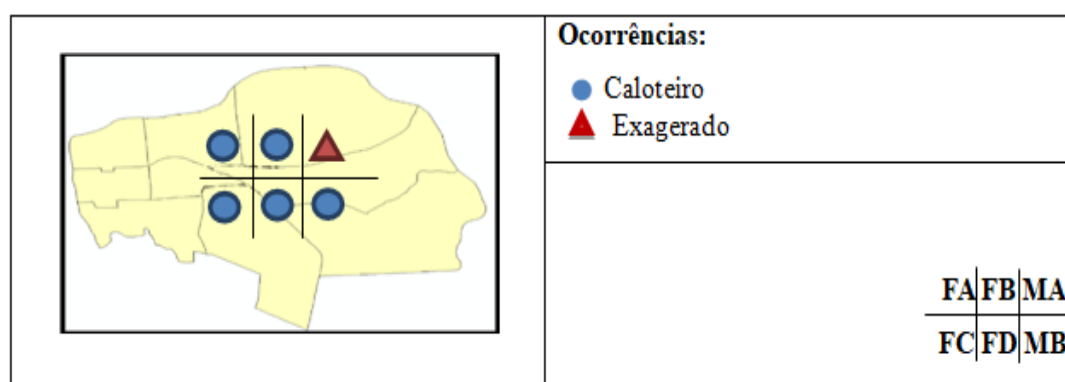
Corroborando com as características diatópicas supracitadas, dialoga-se com Alckmin (2001), visto que se torna possível compreender que qualquer comunidade que apresente as especificidades apontadas no presente estudo pode tornar-se objeto de estudo, recuperando e ressaltando a identidade social e, principalmente, da diversidade presente na fala dos moradores, neste caso, do DAICO. Dessa maneira, faz-se relevante fazer um levantamento das variáveis sociais – gênero e faixa etária – a fim de exemplificar a diversidade diastrática presente na comunidade.

Empenhando-se com as variáveis sociais, em especial, a de gênero, mostrou-se significativo para o condicionamento da variação. Nesse sentido, nesta pesquisa, inferiu-se que o gênero feminino é mais propenso ao uso de *caloteiro*, todavia o gênero masculino utiliza na

mesma medida *caloteiro* e *exagerado*.

Da mesma forma como o gênero, o fator externo faixa etária foi fundamental. A presente pesquisa apontou a influência da faixa etária como fator favorecedor do uso da forma *caloteiro*. Para observar se isto se confirma, os sujeitos foram separados em duas categorias, de 18 a 29 anos (FA, FD, MA e MB) e de 30 a 59 anos (FB e FC). Dessa maneira, comprovou-se que apenas um informante MA (24 anos) utilizou *exagerado*, lexia diferente de *caloteiro*.

Carta Lexical 2 – Variáveis sociais



Fonte: Rosa & Pantoja (2017)

A Carta Lexical 2 demonstra tanto o gênero como a faixa etária, fatores significativos para o condicionamento de variação, registrando *caloteiro* como a mais utilizada na fala em detrimento de *exagerado*.

Portanto, verificou-se que as formas variam dentro de uma comunidade linguística, ratificando o pensamento de Tarallo (1988). Nesse sentido, o comportamento verbal – composto por variantes – no DAICO, caracteriza-se por uma diversidade linguística tanto na visão diatópica quanto na visão diastrática.

Considerações finais

A partir da análise semântico-lexical, de natureza tanto diatópica quanto diastrática, da fala dos moradores do Distrito Administrativo de Icoaraci, localizada na Região Metropolitana de Belém do Pará, observou-se um comportamento verbal identitário do *locus* em questão. Tal

pesquisa dirigiu-se sob os pressupostos da Geolinguística, tendo em vista o método cartográfico utilizado em estudos dialetológicos, aliando-se à Sociolinguística e à Semântico-Lexical.

Por meio da pesquisa de campo, constatou-se, tratando dados nas tabelas e cartas lexicais, que há a existência de muitas variações linguísticas no DAICO, as quais devem ser consideradas, como é o caso da palavra *caloteiro* que é a lexia em uso na fala dos moradores, e foi o foco da presente análise, tendo em vista que a referida lexia obedece aos critérios pré-estabelecidos, em especial a frequência ser igual ou superior a 75%. Sendo válido ressaltar que a estratificação de gênero e de faixa etária foi significativa para o condicionamento da variação na referida comunidade. Desse modo, em tal estudo, inferiu-se que o gênero feminino é mais propenso ao uso da lexia *caloteiro*, entretanto o gênero masculino utiliza na mesma medida *caloteiro* e *exagerado*. Tendo em vista a faixa etária, tanto o grupo de 18 a 29 anos quanto de 30 a 59 anos utilizam a lexia *caloteiro*.

Nota-se, portanto, que as ocorrências diatópicas e diastráticas encontradas na fala dos moradores do DAICO, localizada na mesorregião Metropolitana de Belém, foram cruciais para a realização da análise semântico-lexical, a qual favoreceu o reconhecimento e a valorização do português brasileiro falado no *lôcus* em questão, além de auxiliar pesquisadores sobre a cartografia linguística paraense.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Silvana Militão. **Panorâmica dos estudos dialetais e geolinguísticos no Brasil**. Ceará: Revista de Letras, 2011. Vol. 30. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br>>. Acesso em: 28 de jun de 2017.

ALCKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ALVES, Thamy Saraiva. **Cartografia linguística da cidade de Marapanim/PA**: uma análise semântico-lexical no contexto educacional amazônico. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. Ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

ROSA, Arnol Walber Silva; PANTOJA, Marília Seabra; LISBÔA, Élen M. M. CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA PARAENSE: ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DA FALA DOS MORADORES DO DISTRITO ADMINISTRATIVO DE ICOARACI.

_____. **Nada na língua é por acaso:** por uma pedagogia da variação. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (Orgs.). Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2006.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARDOSO, S. A. M. Geolinguística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional? In: **Revista GELNE**, Fortaleza, v.4, n.2, p.1-16, 2002. Disponível em: <http://www.gelne.org.br/Site/RevistaGelne/arquivos/artigos/art_34a01e3a7b2f8deaa71b52a3df2d54c0_12.pdf>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2018.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). **Atlas Linguístico do Brasil:** questionários 2001. UEL, 2001.

COSTA, Silvany Santana de Oliveira. **Cartografia linguística:** um estudo semântico-lexical da fala dos moradores do município de Igarapé-Miri. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2015.

DUBOIS, J. Et al. **Dicionário de Linguística**. São Paulo: Cultrix, 1978.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa** - 3.ed. Porto Alegre: ARTMED EDITORA, 2009.

GOMES, Fábio Rogério Rodrigues. **Cartografia lingüística e educação na Amazônia:** um estudo semântico lexical da fala na/da microrregião Marabá/Pará. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2007.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002

IBGE. **Estimativa Populacional 2016**. Rio de Janeiro: IBGE, 01 de julho de 2016.

_____. **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro: IBGE, 1957, v. 14, p. 293-297.

IORDAN, I. **Introdução à Linguística Românica**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1962.

KAMI, Janaína Gabriel da Silva; AGUILERA, Vanderici de Andrade. **Para um Atlas Linguístico do Brasil:** a construção dos questionários. s/d. Disponível

ROSA, Arnol Walber Silva; PANTOJA, Marília Seabra; LISBÔA, Élen M. M. CARTOGRAFIA LINGUÍSTICA PARAENSE: ANÁLISE SEMÂNTICO-LEXICAL DA FALA DOS MORADORES DO DISTRITO ADMINISTRATIVO DE ICOARACI.

em:<<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci118.htm>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017.

PREFEITURA DE BELÉM. **Caracterização do território**. Belém, 2012. Disponível em: <<http://www.belem.pa.gov.br>>. Acesso em: 11 de novembro de 2017.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo, Ática, 1985.

SÁ, Talita Rodrigues. **Pelos caminhos da geolinguística paraense**: um estudo do léxico do Distrito Mosqueiro numa perspectiva socioeducacional. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2013.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2000.

Recebido em 27/07/2018
Aprovado em 13/01/2019